Ano 21.º | Sabado, 28 de Julho de 1928 | (AVENÇADO) | N.º 1.035

O DEMOCRATA

DIRECTOR e EDITOR
Arnaldo Ribeiro

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
Tip. «Lusitania»
R. Eça de Queiroz, n.º 3—AVEIRO

Redacção e Administração
Rua Miguel Bombarda n.º 21

Semanario Republicano de Aveiro

A cidade de Aveiro e a Junta Autonoma

Não sou de Aveiro. Mas tantas provas de simpatia tenho recebido dos cidadãos de Aveiro, tantas atenções devo á cidade de Aveiro, que, em minha consciencia, me julgaria um ingrato, uma creatura desprezivel, se me não considerasse um amigo devotado de Aveiro, se não trabalhasse, dentro da quasi nula esfera da minha acção, pelo progresso de Aveiro.

Se na campanha que venho sustentando na imprensa contra a obra demolidora do presidente da Junta Autonoma algum aveirense viu má vontade ás justas aspirações da cidade, deve ser minha a culpa: é porque a minha incompetencia jornalistica fez com que Aveiro me não compreendesse. Mas será tão grande a minha desgraça, tão pouca a minha inteligencia, que haja de perder-se a esperança de eu me fazer compreender?

Aveiro quer o seu porto de mar: tem a seu lado todos os concelhos do distrito. Em todas as tesourarias da Fazenda Publica se está procedendo á cobrança, conjuntamente com as contribuições do Estado, do adicional de 5 0/0 de um decimo do rendimento colectavel da propriedade, e de 5 0/0 da verba principal da centribuição industrial. Algum contribuinte protestou contra esse facto? Responda a cidade de Aveiro. E contudo, de todas as Juntas Autonomas do país, é a de Aveiro a unica que lançou tão elevado adicional; nenhuma das restantes ultrapassou a taxa de 3 0/0. E, a dois passos de nós, a parte do distrito de Leiria atingida pelo adicional de 3 0/0 da Junta Autonoma da Figueira, não se conformou: mandou uma representação a Lisboa protestar contra esse adicional.

Se o presidente da Junta Autonoma da Figueira respondesse, áquela atitude dos contribuintes de Leiria, chamando-lhes burros, infames, ladrões, etc., tenha Aveiro a certeza, o povo da Figueira escorraça-lo-ia imediatamente não só da Junta mas da cidade.

A Junta Autonoma de Aveiro é composta apenas com elementos da cidade e um representante de cada um dos concelhos onde ha propriedade alagada; á maioria dos concelhos do distrito, com a agravante de se verem atingidos por um ruinoso imposto especial, para as obras da Barra, nem a todos englobados, se concedeu um represente na Junta!

Alguem protestou contra este facto? Responda a cidade Aveiro.

A Junta Autonoma de Aveiro organisou os planos das suas obras, e a nenhum dos concelhos do distrito, que tinham de as pagar quasi na totalidade, deu a comesinha consideração de chamar os presidentes das suas municipalidades, mostrar-lhes esses planos, frisar as vantagens dessas obras, mostrar a necessidade dos sacrificios indispensaveis, e a equidade no lançamento dos impostos necessarios para a sua realisação, cujas vantagens seriam bem documentadas no relatorio respectivo.

Alguem protestou contra esse facto? E não haveria razão para o fazer? Responda a cidade Aveiro.

Mas a Junta Autonoma de Viana do Castelo, que pretende levar a efeito grandiosas obras na sua Barra, mandou delegados ás municipalidades do distrito de Braga pedir bôa-vontade e dinheiro, e ouviu a resposta de que, só em face dos planos dessas obras, dos seus orçamentos, das vantagens, bem descriminadas, para o contribuinte, que teria de ser sacrificado, se pronunciariam. O presidente da Junta Autonoma de Viana do Castelo, em vez de chamar *sertanejos*, aos contribuintes de Braga, mandou tirar cópias dos planos e orçamentos para lhes captar a bôa-vontade.

De todas as povoações do distrito de Aveiro só a cidade teve, até hoje, vantagens materiais. A' custa de enormes despezas, que poderiam ter-se reduzido muitissimo, se neste seculo da gazolina ao serviço da mecanica a Junta Autonoma não persistisse no sistema primitivo do motor a bacalhau e brôa, teve Aveiro limpos os seus canais.

Alguem protestou contra esse facto?

De todas as Juntas Autonomas do país apenas tres, alem do adicional, recorreram ao imposto especial sobre a propriedade: Vila do Conde, que lançou o imposto de 2$50 a 40$00 sobre cada predio urbano da vila; Faro, Olhão, que lança o imposto de 5$00 a 400$00 sobre a propriedade mais proxima do porto, nos 3 concelhos limitrofes de Faro, Olhão, e S. Braz de Alportel, se a memoria me não falha, e Aveiro que lança o imposto de 25 a 40 0/0 sobre a propriedade alagada de sete concelhos do distrito. Mas as duas primeiras servem-se das matrizes do Estado para o lançamento da contribuição; uma unica — a de Aveiro — fez um cadastro especial para cobrar o seu imposto especial!

Uma unica Junta no país lançou imposto especial sobre produtos agricolas: foi a de Aveiro. Aveiro não quer que se proteste contra este imposto deshumano, ruinoso, iniquo, que vai lançar, se fôr cobrado, na mais negra miseria a maioria do distrito, e sem vantagem alguma apreciavel para a Junta? Aveiro não sabe que o grande comerciante, a troco de pagar um centavo, desvalorisa logo o genero em um escudo, e coloca em situação de asfixia o proprietario rural onde incide, relativamente ao proprietario visinho onde o imposto não existe, principalmente quando o genero abunda e o comprador escasseia?

Não. Eu não quero crer que a cidade de Aveiro deseje arruinar o distrito, nem mesmo á conta de vantagens reaes, muito menos quando essas vantagens são tão problemáticas que nem a maioria da cidade acredita nelas. De todas as Juntas Autonomas do país é a de Aveiro a unica que se apresenta nas Secretarias de Finanças a lançar impostos sem ter aprovado e publicado o regulamento interno, que modificará, de harmonia com a nova legislação sobre portos, a sua lei organica. O caso não é da minha competencia. Lembra-se apenas para frisar a bôa vontade dos contribuintes nenhum dos quais contra tal situação, anormal protestou ainda.

Em Aveiro ha um representante do Ministerio da Justiça: o Ex.mo Sr. Delegado do Procurador da Republica. Em todas as outras Juntas é ele membro nato, como Fiscal da Lei. Excepto em Aveiro! Em Aveiro a Justiça não tem representação na Junta! E ninguem protestou!

Mas então por que está Aveiro em guerra com a quasi totalidade dos contribuintes do distrito, que estão pagando como Aveiro paga? Por que protestamos contra iniquos impostos especiais? Por que protestamos contra a forma como tem sido dirigidas as obras da Barra, gastando-se milhares de contos sem proveito algum para o contribuinte que tem de as pagar?

Mais um exemplo: em Cezimbra recomeçaram agora as obras de construção de um porto de abrigo, que parece que não é porto, nem abriga coisa alguma. Aí vai o que nos diz o maior jornal da capital, que ali mandou um delegado:

Os trabalhos que foram feitos encontram-se completamente inutilisados, mostrando bem que, continuando-se na teimosia, quer no local onde continuam fazendo a muralha, quer na forma de construção, é manter estas obras em constante servedouro de dinheiro, sem que nenhuma utilidade pratica e de interesse economico advenha para a nossa costa.

Terão razão os de Cezimbra? Não a terão?

O que eles podem é protestar contra aquele sorvedouro de dinheiro, sem que ninguem lhes chame ladrões, infames, *sertanejos!* E não parece á cidade de Aveiro que aquele protesto poderia ter sido formulado por alguem que tivesse visto aquelas fantasticas obras de portos para gazolinas na Barra de Aveiro, e depois se enganasse no nome da terra?

Mas, continuemos: por que se coloca a cidade de Aveiro incondicionalmente ao lado do presidente da Junta Autonoma, na sua linguagem de faiante, contra todo o distrito?

Realisou Aveiro, em maio ultimo, as suas festas da Liberdade. Faziam parte do programa tres récitas no Teatro Aveirense. E porque a população de Aveiro não póde, ou não quiz assistir a esse numero do programa, logo o verbo inflamado e sintetico do presidente da Junta Autonoma, igualmente presidente da comissão dos festejos, caiu sobre a cidade, englobando os cidadãos de Aveiro nesta afronta: *burros*! Burros e sem civismo.

Adiante.

Factos mais recentes: no dia 10 realisou-se a sessão plenaria da Junta. O seu presidente, sem protesto de ninguem, declara, na imprensa, que os aveirenses tem a plena consciencia de que só **ele** é capaz de levar a efeito as obras da Barra, porque ...*independente de outras qualidades que ele possue, são indispensaveis, absolutamente indispensaveis, para o triunfo, a sua nunca desmentida honestidade, que o tornou acerrimo adversario dos ladrões, e, ainda contra os ladrões e bandoleiros politicos de toda a casta, a sua tão rara energia.*» Isto é: só o actual presidente da Junta Autonoma pode construir o porto de Aveiro, não pela sua competencia, que não alega, mas pela sua honestidade! E como o adjetivo honesto não tem graus na gramática da honra, ou eu sou o ultimo dos ignorantes, ou o homem assevera que a cidade de Aveiro, com todos os seus diplomados, que os tem de incontestavel competencia, com todos os seus industriais, que os tem de largas iniciativas, com todo o seu povo de raras faculdades de trabalho, só tem um homem honesto — **Ele!**

Eu não quero que Aveiro se sinta afrontado com o axioma insólito: não ofende quem quer; só quem tem autoridade para o fazer. Mas não compreendo a atitude da cidade pretendendo impôr ao distrito, para a construção do seu porto de mar, esta criatura, unica em Portugal, talvez no mundo, nos anais do despêjo.

Mas então por que está Aveiro em guerra com a quasi totalidade dos contribuintes do distrito? Aveiro concorda com o presidente da Junta em que somos *infames, ladrões, traidores, burros*, e, ultrajantemente, *sertanejos*? Por que discutimos a distribuição do imposto, por que criticamos as obras da Barra? E Aveiro entende que não temos o direito de o fazer? O ministro das Finanças do Governo da Ditadura dá-me o direito de eu discutir os seus decretos, e eu assim o fiz com absoluta liberdade neste e noutros jornais. O presidente da Junta Autonoma, com Aveiro a seu lado, não consente que se discuta a parte financeira da sua obra!

O ministro das Finanças não quer o país separado por verdadeiras alfandegas interiores, desconjuntando a economia do país e a do contribuinte; o presidente da Junta Autonoma não tolera que se proteste, sequer, contra impostos especiais que vão isolar o distrito de Aveiro do resto do país, condenando os seus contribuintes á miseria!

O sr. Ministro do Comercio entende que a função—Estado—tem sido mal compreendida por organismos autonomos ou independentes; o presidente da Junta Autonoma de Aveiro tem a seu lado os srs. Engenheiros rindo-se das *ridiculas pretensões dos sertanejos* que protestam contra as extorsões deste novo estado dentro do Estado!

Muito bem.

A ser assim peço licença á cidade de Aveiro para que se me indiquem nomes. Eu desejo saber qual o credo politico dos cidadãos de Aveiro que não admitem ao contribuinte, injustamente lesado, o direito de formular as suas queixas, e plenamente concordam com o presidente da Junta quando, em resposta a essas queixas, ele os cobre de improperios.

Nomes!

Marque cada um o seu logar. Para que ninguem, a começar por mim, possa ámanhã engeitar responsabilidades.

Com a atitude do presidente da Junta ficou esta composta com elementos só da cidade. Aqui fica bem assinalado o meu logar: foi este o erro mais grave que a cidade deixou praticar, erro que a fará perder a Junta e perder as obras de que tanto carece.

Com o actual presidente da Junta, com a situação irreductivel criada entre a Junta Autonoma e o distrito, nunca Aveiro verá, sequer, iniciadas as obras do seu almejado porto! Mas, como eu admito erros nos outros, tenho fatalmente de concordar que também eu posso errar.

O tempo dirá de que lado a razão assiste.

Fermentelos, 23—VII—1928.

A. Roque Ferreira
Medico

Data triste

Passou na quarta-feira o quinto aniversario da morte de Humberto Beça um dos nossos melhores amigos e um dos mais distintos colaboradores que este jornal tem tido.

Lembramo-lo com saudade.

* * *

Da sr.ª D. Maria José de Brito Bessa, viuva do malogrado professor, recebemos 10$00 para os pobres de *O Democrata*.

Muito reconhecidos.

Festa infantil

Efectua-se na proxima segunda-feira em todo o pais uma nova festa em que serão interessadas as crianças das escolas primarias, segundo fôra determinado pelo ministerio da Instrução.

Do programa que temos presente e diz respeito a Aveiro, consta o seguinte: breves prelecções morais ou civicas pelos professores, com explicação do significado da festa pela primeira vez e no mesmo dia celebrada em todo o país; missa acompanhada a orgão, na Misericordia, exposição de trabalhos manuais executados pelas crianças durante o ano e distribuição de diplomas de passagem de classe; sessão solene com recitativos no teatro, que terminará por um numero de canto executado por algumas centenas de crianças; cortejo civico seguido de merenda no Jardim Publico e ás 22 horas sessão cinematografica no Rossio-Cine.

As autoridades, tanto civis como militares, as bandas de musica da cidade assim como as associações locais tomam parte nesta festa que tem todo o caracter de nacional.

Para quê ?

Em Lisboa correu de novo o sangue nas ruas devido a uma tentativa revolucionaria por parte do regimento de caçadores 7 contra o governo. Foi no dia 20 á tarde, mas poucas horas durou o combate travado entre o Castelo de S. Jorge e as tropas fieis, visto os revoltosos, atendendo á sua diminuta força, se terem rendido sem condições.

Nalgumas partes da provincia, principalmente na Beira Baixa, chegou a haver tambem pronunciamentos secundando o movimento da capital, que não tiveram importancia por serem logo sofocados, efectuando-se, contudo, bastantes prisões entre as quais se conta a do nosso conterraneo tenente José Pinto Monteiro, que fazia atualmente serviço em Caçadores 10, cujo aquartelamento era em Pinhel.

De resto, alguns mortos, feridos e estragos materiais, efeitos da metralha de que tanto se tem abusado desde o advento da Republica como se esse fosse o unico meio de resolver os problemas politico e de administração do regimen que tem por lêma—*Ordem e Trabalho*.

Mais uma revolução!

Para quê, senhores? Para quê mais revoluções se das inumeras que estalaram nestes dezoito anos de permanente conspiração ainda nenhuma se tornou proveitosa para o país que tanto carece de sossego, de paz na rua e nos espiritos, e de, acima de tudo, endireitar a sua vida economica?

O jogo

Principia este ano a ser permitído o jogo de azar nas zonas estabelecidas pelo governo.

Vamos a vêr o proveito que isso dá ao país.

A caça

Durante a proxima época venatoria no concelho de Aveiro a caça á perdiz só será permitida de 1 de outubro a 31 de dezembro, e ao coelho e lebre de 1 de setembro a 31 de dezembro.

O dr. Antonio Lucio é um dos homens mais honestos e mais sinceros da Republica, notavelmente honesto, mesmo, notavelmente sincero, uma joia perdida neste pantano.

(De *O de Aveiro*, escrito por Homem Cristo, de todos bem conhecido.)

Cambio

Libra................	98$75
ranco................	$79,5
Dollar...............	20$23

Sem fundamento

Tendo, de sabado para cá, sido envolvido nos muitos boatos postos a circular, o nome do nosso director como um dos detidos por causa dos ultimos acontecimentos, apressâmo-nos a informar que com ele nada se deu de extraordinario durante a semana, a qual, como de costume, passou a trabalhar.

Houve, decerto, confusão de narizes...

A' vontade

Os representantes dos concelhos na Junta Autonoma da Ria e Barra de Aveiro em sinal de protesto contra a atitude de alguns sujeitos que na sessão do dia 10 os vaiaram, resolveram, como é sabido, abster-se de colaborar nos trabalhos da mesma Junta, pelo que já não compareceram á sessão do dia 18.

Antes, porêm, quizeram explicar, em manifesto, os motivos porque assim procediam, mas como não lhes fosse consentido, dirigiram o seu protesto colectivo ao sr. Presidente do Ministerio, escrito nos seguintes termos:

Ex.mo Sr. Presidente do Ministerio e Ministro do Interior:

O Presidente da Junta Autónomo da Ria e Barra de Aveiro, na sessão ordinária desta, no dia 10 de Julho do corrente ano, tendo prèviamente incitado por meio de afirmações e proclamações destituidas de verdade, o povo da cidade contra os delegados das Câmaras Municipais do distrito, que ali iam no seu legítimo direito de assistir e tomar parte naquela mesma sessão, encheu prèviamente o respectivo salão dos seus díscolos para coagir os ditos delegados a abandona-lo, e a perderem o seu direito de voto.

Fez mais: promoveu a mobilisação do esquadrão de cavalaria, e de toda a fôrça de policia para junto da casa onde tinha logar aquela sessão, num aspecto bélico contra aqueles delegados abandonados de qualquer meio de defesa da sua integridade fisica, e não respeitando o que dispõe o art.º 31 do Dec. 9324 de 18 de Dezembro de 1924, com aquele seu manifesto propósito de coagir os mencionados a retiraren-se gastou o tempo de mais de duas horas a insultar os povos dos concelhos que ali mandaram os seus legítimos representantes, no cumprimento dum direito e dum dever.

Antes, já lhes tinha lançado êste repto:

«Até á vista, sertanejos!»

O resultado de tudo isto é tornar a cidade de Aveiro e todos os que com esta colaborem irredutivelmente incompatíveis, politica e administrativamente, com todos os outros povos deste distrito, em prejuizo da realização dos sãos principios do 28 de Maio.

Os comissionados não podem pois, deixar de, perante V. Ex.a e perante o Ex.mo Sr. Ministro do Comércio, respeitosamente apresentar o seu protesto reprovando aquêle anárquico proceder do presidente da Junta Autónoma da Ria e Barra de Aveiro, pedindo a consideração de V. Ex.a para as justas reclamações que já em Junho lhe apresentou.

Saude e Fraternidade.

O nosso presado colega *Ilhavense*, depois de se ocupar, num bem elaborado artigo, da momentosa questão de que só um homem é o unico responsavel, termina-o desta maneira:

. . . .

Quanto á atitude colectiva dos representantes dos municipios, ela deixou campo livre para o progresso de Aveiro *a quem os sertanejos não podem ver uma camisa lavada pelo ódio vilão que teem á rainha do Vouga*, consoante acusação feita em público pelo sr. Homem Cristo.

Gastem o dinheiro onde quizerem e como quizerem; esfolem mais o povo se tal lhes apetecer. Ficam com os movimentos livres. Se não avançarem a passos de gigante na senda do progresso, é porque não querem ou não podem. Se não começam já as obras da Barra, é porque não querem ou não podem. Se não fazem mais ancoradoiros e mais dragagens, é porque não querem ou não podem. Se não nomeiam mais pessoal para os serviços da Junta, é porque não querem ou não podem. Mas, de futuro, não teem de que se queixar dos *sertanejos*. Estão á vontade e livres de qualquer impecilho.

Senhores cidadãos de Aveiro: desejamos muitas prosperidades á *vossa Junta* e muitos progressos á vossa terra.

Os aveirenses *vêem bem?*

Sabem o que querem dizer estas palavras?

Não arrepiem caminho aqueles que se deixam facilmente sugestionar pelo palavriado balofo e ao mesmo tempo ultrajante do presidente da Junta, ou mais propriamente, do *Ditador da Bajnnça*, e depois queixem-se.

Uma exposição

A convite da sr.a D. Belmira da Conceição Oudinot, fomos visitar a exposição de trabalhos executados por varias das suas alunas, os quais revelam ser aquela senhora uma das mais reputadas professoras existentes em Aveiro.

A exposição é feita nos baixos da casa onde antigameute esteve o estabelecimento de fazendas do sr. Vieira.

Já a disposição artistica de todos os objectos nos surpreendeu, mas essa surpreza atinge desmedidas proporções quando passámos a examinar os varios trabalhos que, pela sua beleza e perfectibilidade, nos chamam a atenção. E eles são tantos a atestarem a variedade de conhecimentos da afamada professora...

Temos pintura e neste particular é inexcedivel não só a qualidade como a quantidade. Vimo-la feita a oleo, japoneza, chineza, judaica, em relevo sobre vidro fosco, luminosa, metalica, fogo-habil, velonty, *frappè* do direito e do avesso, imitação mongolica, fotominiatura, fotopintura e ainda imitações de vitral.

Em desenhos: quadros a crayon, sépia e á pena assim como trabalhos em madeira, piro-escultura, talha geometrica, tarso e pregaria. Ha tambem diversas imitações em Crisalida, como marfim, marmore, estatuario, granito e terra cota. Outros em estanho, couro *repoussé* gravado e imitação de Cordova.

Em lavores e rendas ha obras em todos os generos e ainda as que representam a imitação de tapetes de Arraiolos, que são duma perfectibilidade absoluta.

Os nossos encomios á sr.a D. Belmira da Conceição Oudinot, a quem agradecemos a gentileza do seu convite.

Em defêsa

O nosso amigo Alfredo Cezar de Brito enviou ao autor de uns escritos que aí voltaram a aparecer a seu respeito o que vai lêr-se:

Ex.mo Sr. Francisco Manuel Homem Cristo, director do jornal *O Povo de Aveiro*.

Nos termos do artigo 53 do decreto n.º 12008 envio a V. Ex.a para ser publicado, o seguinte:

Tem V. Ex.a de ha um tempo a esta parte endereçado á minha humilde pessoa uma serie de adjectivos deprimentes e afrontosos, procurando para tal um facto que se deu durante as minhas funções exercidas nos correios e telegrafos.

Ora sabe V. Ex.a tão bem como eu, que para essa fase de perseguição que sofri, deu origem as minhas convicções republicanas, que nunca as escondi, desde a minha colocação nesta cidade onde me encontro ha cerca de 40 anos. Dessa perseguição partilhou comigo o meu saudoso e nunca esquecido colega e correligionario João Augusto da Silva Rosa, que sofreu, como eu,—os unicos—algum tempo de suspensão de exercicio e transferencia, sofrendo só esta ultima pena todos os outros empregados, o que logo se soube, por quanto o sindicante antes mesmo de principiar os seus trabalhos de tal preveniu o director dos serviços, que tambem não escapou ao desbarato.

Houve até quem afirmasse, no seu depoimento, que a estada do pessoal na repartição equivalia a um manifesto perigo para as instituições, que se encontravam, contudo, no seu periodo agónico.

Isto foi em abril de 1910.

Cumprida a sentença, foi, em outubro desse mesmo ano, proclamada a Republica, e, antes do pedido da revisão do processo, todo o pessoal, como merecido acto de justiça, foi novamente colocado aqui, excepção do director, que não aceitou.

Eu voltei, especialmente porque se desenrolava no meu lar uma tragedia dolorosa e cruel: o agravamento dum mal que pouco a pouco apagava a existencia dum filho querido, dum adorado filho que falecia no verdor e no brilho da mocidade, aos 21 anos!

Esta é uma das mais dolorosas daginas da minha vida.

Em 1911 eu e João Rosa requeremos a revisão do processo da qual resultou a anulação das penas sofridas. Poucos mezes depois pedi a minha aposentação, com 35 anos de serviço e que me foi concedida.

Mais tarde circunstancias alheias em absoluto á minha vontade, levaram-me até junto dum dos meus mais aguerridos adversarios politicos e que parte importante tomou na perseguição que me foi feita.

Na presença de cerca de cincoenta pessoas, esse adversario, apagados ha muito os fumos da paixão, num brinde, declarou—*que se encontrava presente um homem que com todo o empenho desejava que dali se não ausentasse, conservando no seu espirito o sentimento da animadversão, que até ali tinha mantido.*

E voltando-se para mim, acrescentou: *que Deus nos perdôe o mal que fizémos um ao outro!*

Ao retirar-me encontrei uns braços abertos, para os quais os meus tambem se estenderam.

Mas... ja ha muito disséra Voltaire—que da calunia alguma coisa fica...

Quanto á minha estada na Caixa Economica, vai para 9 anos, teve ela logar pela saída dum empregado, o sr. Carlos Duarte.

O sr. dr. Peixinho, conhecedor das graves dificuldades da minha vida, teve a caritativa lembrança de indicar o meu nome para esse logar.

Depois da minha entrada foi admitido outro empregado nas mesmas circunstancias, e, ficou, sem alteração, o quadro do pessoal que a Caixa Economica sempre teve.

Assim, ainda que muito resumidamente, ficam os leitores de V Ex.a informados da verdade dos factos, que, assim explicada, o que contra ela se dissér é calunioso e procurarei por isso defender-me da calunia pelos meios que a Lei me garante.

Aveiro, 23 de Julho de 1928.

Alfredo Cesar de Brito

Sobre este assunto, duas palavras apenas: Nós não mandariamos nunca a esse safado escriba, conhecido em todo o país pela sua malidecencia, a carta que Alfredo Cezar de Brito lhe enviou.

Não ofende quem quer. E esse biltre tem despejado tantos impróperios sobre as pessoas mais dignas e elevadas da nossa e de outras terras de Portugal, que um elogio dele, hoje, deve valer pela maior das afrontas.

De resto, Alfredo Cezar de Brito, a nosso ver, devia lembrar-se ainda de que enquanto pedia a sua aposentação ou reforma, o Exercito só encontrava uma forma unica de premiar o Homem Cristo, como merecia: abatendo-o ao efectivo por **incapacidade moral.**

E isto, diz tudo.

O Democrata *vende-se no Quiosque da Praça Marquês de Pombal.*

O inquilino da Junta Autonoma

As injurias são os argumentos de que se valem os que não teem razão.—*J. J. Rousseau.*

Na ultima reunião da Junta estava menos gente do que na penultima, porque era já sabido que os *reclamantes* não iam lá. Varias pessoas me disseram a mim mesmo: *Não fomos lá porque desta vez não era preciso. Em sendo preciso lá estamos.*

(De *O Povo de Aveiro*, de 22 do corrente).

A propriedade alagada é o roubo—afirmação do presidente da Junta Autonoma, delegação do Governo.

Nem antes nem depois da sessão plenaria do dia 10, os delegados das Camaras, que teem representação na Junta Autonoma da Ria e Barra de Aveiro, anunciaram, por qualquer meio de publicação, os seus propositos, que nem sequer eram os mesmos.

Constituiam os delegados uma minoria, que se tornou ainda mais certa, com as nomeações inopinadas do representante dos proprietarios dos terrenos alagados, Lino Marques, que ouve, sem protesto, afirmar que essa propriedade é o roubo, e a do representante dos armadores de navios, Pompeu Pereira, director do Lloyd Aveirense.

Uma coisa, porêm, era certa: Os delegados não iam pedir a supressão da Junta Autonoma, nem destruir a organisação financeira da mesma, como falsamente se propalou com fins evidentes.

De maneira que a exortação feita ao povo da cidade pelo *cagarêo mór* (sem ofensa para os bons aveirenses) no artigo do *Povo de Aveiro*, intitulado—*Milhafres*—só pode representar da parte do presidente da Junta o proposito de expor os delegados das Camaras ás vaias e á indignação da multidão, pelo alarme produzido.

Esse presidente, que é o autor duns inuteis opusculos contra o bolchevismo, e que hoje proclama que a propriedade alagada é o roubo, estimulando assim os intuitos desvairados da plebe—ontem, inimigo da demagogia, hoje seu acarinhador—ao apelar para os habitantes da cidade de Aveiro, no sentido de eles acorrem á Junta Autonoma, no dia 10 e no dia 18 do corrente, não quiz uma sessão, onde serena e proficuamente se tratassem os interesses do povo e as questões do porto de Aveiro, mas sim preparou um comicio expetaculoso, onde só ele falasse, e onde tivesse certo o aplauso duma *claque* apalavrada para o tumulto e para os apupos.

Na contingencia de sofrer na Junta, pela analise serena e desapaixonada, mas rigorosa, dos seus actos, qualquer *cheque*, o presidente *deslocou a questão*: estimulou, com um acicate, a cidade de Aveiro, o que já era bastante para não ser ouvido, vociferando: «Aveiro não tem nenhuma dignidade», e dando a entender que aquilo que significava apenas uma divergencia de criterios, o desejo de bem servir o publico, e a reprovação da sua aspereza e prepotencia, não era mais do que o *ódio de vilão*, e a manifestação *duma rixa entre povos.*

Clamou, então, contra os sertanejos, escrevendo: «Agora, que os *sertanejos*... levam a audacia ao ponto de vir aqui, ao coração da cidade, assaltar a Junta Autonoma, para em nome da propria cidade, estrangular a cidade»...

Já pela situação que ocupa de presidente dessa Junta, já por uma questão de coerencia, a este homem era inteiramente vedada semelhante atitude.

Sempre o *leão solitario* se ufanou muito da sua rara energia, do seu desassombro, da sua coragem, que ele praclama, com muita enfase, carregando e demorando muito os r r, e não faz agora sentido que ele, para se desafrontar dos seus contraditores, na Junta, tendo dantemão assegurada uma maioria, ainda assim precisasse da intervenção do povo duma cidade, que ele exagitou no seu desmedido bairrismo, levando-o a acreditar que os nossos intuitos eram os mais sinistros!

Esta estranha e inconcebivel atitude cava um abismo profundo entre ele e essas decantadas qualidades.

Incitou, sem nenhum motivo aceitavel, a cidade de Aveiro mas não o fez em termos dignos e correctos de elevação civica, mas ao contrario, estimulou-a, como se lhe fizesse estalar um chicote aos ouvidos: "Tão baixo ela desceu na sua indignidade". E' preciso não ter brio nenhum, haver percorrido toda a escala da degradação moral e intelectual»... Tudo palavras dele.

Os aveirenses só tinham a pedir-lhe contas por tão profundamente os ferir, e não a cinco homens, que eram seus hospedes e que lhe mereciam toda a consideração e urbanidade.

Não se compreende que as agremiações locais fossem na alheta dos seus raivosos incitamentos, publicando o manifesto —*Aveirenses*—onde o injusto e brutal apêlo foi consagrado.

O *cagarêo mór* (sem ofensa para os bons aveirenses) sempre acusou Afonso Costa de ter ordenado a sua prisão, expondo-o, na estação do Rossio, á ira da turba.

Tambem se insurgiu contra uma parte dos seus colegas da Camara dos Deputados, que numa sessão, onde ele foi responder a Leonardo Coimbra, o maltratou.

Mas agora este sujeito reeditou contra cinco homens estranhos á cidade de Aveiro, contra cinco hospedes, que ali estavam no cumprimento duma missão oficial, o acto, que estigmatizou aos seus adversarios.

Nós tambem podiamos ser liquidados pela turbamulta ululante, que interrompeu a sessão do dia 10, e que ele malquistou comnosco, por via dos seus gritos de guerra. ¿Nós tambem podiamos ser vitimas do ódio e da vindita dum bando de energumenos, que tinham ouvido a sua exortação.

"Ficará *perdida*, Aveiro, que lh'o digo eu, se não souber defender, *á tesa*, os seus interesses, *fica perdida*.»

Esse individuo com esse censuravel procedimento lançou a desconfiança sobre a Junta Autonoma, tornou as populações ribeirinhas incompativeis com ela, porque lhes fez ver que ela é apenas para os *patricios* da cidade e que o *sertão* é só para pagar o imposto de *palhota.*

Impopularisou-a e convenceu o povo de que ela só serve para beneficio e usufruição da cidade de Aveiro.

Fechou uma questão magna regional nos estreitos e mesquinhos limites dum assunto local. Dizendo repetidas vezes, na sessão do dia 10, que a propriedade alagada é o roubo, convenceu definitivamente os contribuintes que nenhuma justiça podem esperar duma autoridade que os considera detentores dum latrocinio.

Ele proprio, no auge da sua incomensuravel e ridicula vaidade, anunciou a sua indispensabilidade, e pretende convencer o povo de que a sua estada na Junta é a garantia da execução das obras da Barra.

«E' unanime em Aveiro a opinião, até—tirando cinco ou seis miseraveis, não mais—entre os inimigos do senhor H. C. que se o actual presidente da Junta abandona o seu lugar, *está tudo perdido*... E nós que nunca fomos de *falsas modestias*, que conhecemos *melhor do que ninguem* os homens e as coisas relativamente á Junta, *melhor do que ninguem* o que já está feito e o que resta fazer, não hesitamos em concordar e afirmar que, de facto, se ele se vai embora... *esta tudo perdido*».

Por certo que os seus colegas da Junta, que ali estão pela razão dos seus cargos oficiais se sentem ofendidos no seu brio profissional com a filancia do sujeito.

Na sessão do dia 10, H. C. presidindo e falando simultaneamente, o que é contrario a todas as praxes, pretendia ocupar todo o tempo com a sua longa e soporifera exposição.

Contava rematar por uma arenga patriotica, que lhe conquistasse as homenagens e os vivas da assistencia.

Para tanto não queria que qualquer áparte lhe mareasse o valor do discurso.

Não quiz que outro falasse em primeiro logar, nem permitiu interrupções.

Ele proprio esclarece o seu

mesquinho pensamento, ao proceder deste modo: «E assim, ao mesmo tempo que empolgava a assembleia, desmoralizava os adversarios, amachucava-os na lama com tal força, que quando lhes chegassse a palavra nem eles tinham animo para falar nem o publico paciencia para os ouvir.

Isso é que era necessario. E isso *radicalmente* se conseguiu».

Se foi ele a desafiar-nos no jornal, prevalecendo-se duma horda para tal fim arregimentada, escrevendo: *Sertanejos*, até á vista! Dizem que me querem *castigar*? Pois eu lá estou para receber o *castigo*», só tinha a convidar-nos a romper o fogo.

A lealdade mandava que ele aparecesse desacompanhado, como nós outros, e que fosse o primeiro a garantir-nos a liberdade.

Isto é que seria digno!

As suas funções de presidente e a circunstancia, de antes, no seu jornal, nos ter tratado como inimigos, que nenhuma consideração lhe mereciam, impediam-no logicamente de nos dirigir remoques.

Falando em *ódio de vilão* e usando de outras expressões grosseiras, dava-nos o direito de logo nos insurgirmos, de mais a mais dando-se o caso de nós nos considerarmos ameaçados.

Fui ali no dia 18 do corrente apenas para saber se os *cães* de H. C. se atreviam a devorar-me.

Não podia levar mais longe a minha falta de cumprimento do que fôra combinado entre nós, por isso, quando ele iniciou os trabalhos, eu sái logo e só ouvi esta frase: Está aberta a sessão.

Nesse dia, se a censura o tivesse permitido, teria sido posto a circular um manifesto explicando a nossa atitude.

A's injurias não se responde.

Não tem esfera nenhuma quem sái da sua, diz um proverbio inglês.

Antonio Lucio Vidal

Das Ilhas

No paquete *Lima*, da Empreza Insulana de Navegação, regressaram ao continente, e encontram-se já em Aveiro, depois de terem visitado a Madeira e os pontos mais importantes do arquipelago dos Açores, donde trazem gratas recordações, os nossos amigos Antonio Souto Ratola, Antonio Salgueiro e José Tavares Rito, este socio da importante firma local, Bernardo Morais & C.ª, Sucessores, que ali foi em propaganda dos seus vinhos, licores e champanhe, tendo tido o mais lisongeiro acolhimento.

Um abraço de bôas-vindas.

Necrologia

Na madrugada de terça-feira faleceu vitimado pela tuberculose, Domingos Ferreira de Barros, casado, e que contava apenas 24 anos.

Era modelador nas Fábricas Jeronimo Pereira Campos e filho do sr. José Ferreira de Barros.

— Igualmente se finou com 68 anos de idade Maria de Apresentação Peixinho, antiga creada de servir.

Notas Mundanas

Aniversários

Fazem anos: hoje, a sr.ª D. Violeta Vieira da Costa, esposa do nosso velho amigo Francisco Vieira da Costa, residente em Loanda (Africa Ocidental); âmanhã, a sr.ª D. Virginia Miranda Madail; no dia 2 de agosto, o sr. Agostinho de Souza, professor da Escola Industrial das Caldas da Rainha e em 3, a sr.ª D. Maria do Ceu Cunha, dilecta filha do tenente Manuel Lourenço da Cunha, chefe da Banda de Infanteria 19.

Gente nova

Em Matosinhos, onde reside, deu á luz uma creança do sexo feminino a esposa do sr. dr. Narciso de Azevedo, professor da Escola Industrial e Comercial Fernando Caldeira, desta cidade

Os nossos parabens.

— Baptisou-se na Preza, recebendo o nome de Antonio, um filhinho do sr. Antonio de Almeida Reis e de sua esposa, tendo servido de padrinhos Ana Rosa de Jesus e Antonio de Oliveira.

Muitas venturas.

Partidas e chegadas

Com destino a Lourenço Marques (Africa Oriental) onde ocupa as funções de 1.º aspirante de Finanças, deve embarcar na quarta feira, em Lisbôa, a bordo do Africa, o nosso amigo Acácio Ferreira Sucena, que á sua terra veio de licença passar uma temporada.

Feliz viagem e muitas felicidades.

— Partiram na quarta-feira para Vizela as sr.as D. Rosalina Fontes e D. Olivia Cesar Fontes.

— Estiveram nesta cidade os srs. José Casimiro da Silva e Antonio da Maia, residentes respectivamente em Brunhido e Lisboa.

— Já se encontra nesta cidade, a passar as férias grandes, a sr.ª D Etelvina Mafalda Meireles, professora oficial em Rossas (Macieira Cambra).

Doentes

Por se ter sentido bastante encomodado, recolheu á casa de saude anexa ao hospital o sr. dr. José Luciano de Bastos Pina, meretissimo juiz do crime nesta comarca, que tem sido visitado a miudo pelo abalisado clinico sr. dr. Bissaia Barreto, de Coimbra.

Desejámos o pronto restabelecimento do ilustre enfermo.

— Daquela casa já saiu completamente restabelecida a sr.ª D. Mariana Azevedo, viuva do jurisconsulto sr. dr. Almeida Azevedo.

— Tambem adoeceu o activo comerciante sr. Ulisses Pereira, cujas melhoras apetecemos.

O Democrata, vende-se na *Livraria Universal*, Rua Direita

Agencia Havas

Felicitamos esta antiga agencia de informações e publicidade pela decisão dos tribunais, restituindo-lhe a posse dos seus escritorios da R. de S. Julião, 170 e 172 e R. Augusta, 170-1.º, onde recomeçaram funcionando todos os seus serviços na capital da Republica.

Ainda ha juizes no nosso pais...

Este numero foi visado pela comissão de censura.

Exames

Resultado dos realisados no liceu deste cidade de 19 a 24 do corrente:

Passagem ao 2.º ciclo (3.ª classe): Adriano de Seabra Cancela, Antonio Dias Mendes, Antonio F. Araujo Sobreira, Antonio Fonseca, Antonio Henrique Pinheiro, Antonio da C. Maia Mendonça, Antonio Joaquim Soares, Antonio Nariz Neves, Celeste Aurora Botelho, Eduarda Maria da G. Pereira, Fernanda Bernardete M. Figueiredo, Fernando Tavares R. da Silva, Francisco Lourenço da Costa, Horacio Soares Alvim, José Marques Baeta, Manuel Moreira de Castro, Manuel de Oliveira Basto, Mario Martins Arroja e Orlando Moreira Trindade, aprovados. Faltaram, 2.

Curso geral, 5.ª classe—Henrique de Alb. Souto, João de Oliveira Mano, José Augusto F. Antunes, Julio Rodrigues Vieira, Manuel da Conceição Filipe, Manuel Ferreira da Costa, Manuel Lobo G. P. de Almeida, Norberto da Silva Pinho e Rui Tavares de Oliveira, aprovados. Faltou, 1.

7.ª classe de Sciencias—Alberto Augusto de Oliveira, Alvaro Coelho Pessoa, Armando Sucena Seabra, Claudio E. Pinto C. Mendes e Angelo da Graça Ramalheira, aprovados.

José Salvato Bizarro, *distinto*, 17 valores.

* * *

Tambem na Universidade do Porto fez exame do primeiro ano de partos a nossa conterranea, D. Angelica de Oliveira, ficando plenamente aprovada.

Felicitações.

O dono da Junta

O dono da Junta Autonoma mais das aguas da Ria e do mar, ha tempos, por qualquer incidente, pedia logo para o pôrem na rua, tendo até oficiado ao vice-presidente para o substituir. O dr. Jaime não lhe ligou meia e o dono dos peixes e da bajunça ficou calado como um ratinho na dispensa.

Ora se nessa ocasião já era interessante examinar o sudario da Junta, de ai por deante é que havia de ter que ver. As despezas com o pessoal são fabulosas e contudo os moliceiros e barqueiros, para navegarem, estão horas e horas á espera de maré. O mar, os peixes, as aguas da Ria, as contas, tudo é daquele tipo, estrenuo defensor dos interesses da cidade que está mesmo a pedir que o ponham como brazão na frontaria dos Paços do Concelho... Em que se tem gasto tanto dinheiro? Ninguem tem nada com isso a não ser para pagar. Ele tambem podia bifar um bocadinho do que tira ao Estado sem dar uma lição na Faculdade de Letras para ajuda da compra de flores para o jardim da Barra, que o mar salgou, mas ninguem tem nada com isso e muito menos os *sertanejos* que só nasceram para pagar. E se se fizerem espertos pede-se aos *patriotas* para lhes aplicar um castigo sempre que desçam á cidade, onde ficam proibidos de comprar quaisquer artigos. Palavra de honra: este tipo ou ha-de ter uma estatua no canal cujo nome não me recordo, mas que é perto do Matadouro, ou então ha-de espetar-se um grande mastro no sitio onde está o jardim que o mar salgou, com as armas de Aveiro tal qual ele as concebeu, na parte mais elevada para evitar erros de historia.

S.

Prevenção

Antonio Pascoal, morador em Coimbra, vem por este meio participar aos seus amigos e clientes que encerrou o seu estabelecimento situado na Rua Almirante Candido dos Reis, desta cidade.

Toda a correspondencia deverá ser dirigida para o seu estabelecimento na Rua da Moeda 86 a 94, Coimbra.

Para quaisquer informações dirigir-se a João da Costa Belo, Rua João de Moura—Aveiro.

O calor

Contina a ser excessivo o calor por toda a parte, quer de dia quer de noite. Abafa-se. Houve quem profetisasse que não teriamos este ano verão, mas ele veio com uma força tal que chegámos quasi a não saber de que freguesia somos...

Em Coimbra morreu de insolação o padeiro Agostinho Lopes, que era natural de Aveiro.

Calcule-se.